

Ética perética perin pin plética

Georgina Aguirre

"Ser inspirado eventualmente por algo da ordem da poesia para intervir enquanto psicanalista?"

É a isto, de fato, que se deve retornar [...].

Não está do lado da lógica articulada

embora às vezes eu deslize em direção a ela

onde o alcance do nosso dizer deve ser sentido[...]".

Jacques Lacan¹

"Os homens não têm nascido para morrer, mas para inventar".

Paul Ricoeur²

Qual ética para a prática psicanalítica na atualidade? Este é o título sob o qual temos sido convocados para o que me parece ser um exercício para continuar a questionar nossas clínicas; exercício complexo e necessário para o avanço da psicanálise. Pensar no avanço da psicanálise questiona parte do que quero trazer aqui hoje, ou seja, a importância de pensar a psicanálise como um saber inacabado, uma transmissão tanto de Freud como de Lacan nas suas obras inacabadas. Agora, pensando no que Roberto Harari propõe como *periodização* do ensino de Lacan, tentarei, pelo que escuto na clínica, dar conta não só da importância da ética da psicanálise proposta no Seminário 7, mas também de como poderia ser complicado para a própria psicanálise elevá-la ao lugar de um conceito imóvel, deixando de lado várias ideias que nos permitem um saber-fazer ali com... aquilo a que podemos alcançar por pontos.

Começarei por dar algum espaço à palavra "hoje" na questão que nos é colocada como um convite, no que diz respeito ao progresso da psicanálise. Por um lado, parece-me

¹ Lacan, J. (1976-1977) Seminario 24. L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre (Inédito)

² Ricoeur, P. (2023) La memoria, la historia, el olvido. Fondo de Cultura Económica de Argentina

importante estar advertidos dos acontecimentos que dizem respeito aos nossos tempos, não apostar no estabelecimento de um conhecido bem comum impossível - pois como está claro no Seminário 7, prometer a felicidade seria uma fraude, na medida em que sabemos que não é inerente ao sujeito - mas como diz Harari, referindo-se à acuidade clínica de Freud, separando o mal-estar gerado pelos acontecimentos sociais atuais do que é inerente ao sujeito e que é o seu mal-estar, o efeito da renúncia pulsional para poder entrar no laço social.

Hoje, em relação a este mal-estar, juntamente com o terrível mandamento "amarás o teu próximo como a ti mesmo"³, podemos ver nos nossos consultórios e fora deles, que "a ciência está substituindo as religiões, de forma igualmente despótica, obtusa e obscurantista"⁴, que a ciência está a avançar desenfreadamente, que os imperativos do gozo são cada vez mais vorazes, que reduzem o sujeito ao orgânico, que nada se quer saber sobre a falta e, portanto, sobre o desejo, que se consome até consumir-se na tentativa excessiva de prolongar a vida, de mudar o sexo, de apagar toda a subjetividade eliminando prováveis perguntas num mundo de respostas excessivas, não dando lugar à falta, deixando de lado o sujeito como desejante e para além do desejo, velando mesmo aquilo que pode apelar à sua singularidade.

No que diz respeito ao que podemos dar conta em nossos consultórios, volto a me dirigir, apostando colocar em jogo uma outra ética que não se faça público o que se fala na intimidade do espaço analítico, não para apresentar dois casos mas para colocar duas posições subjetivas diferentes, das que me servirei para desenvolver o que me interessa transmitir neste trabalho. Por um lado, está Artemisa, quem comenta que corta o seu corpo porque gosta da dor, porque a dor a liberta das vozes que aparecem em sua cabeça como mandatos, e que depois de uma ruptura amorosa resultante de "não poder dizer não" tentou

³ Lacan, J. (2015) Seminario 7. La ética del psicoanálisis. Buenos Aires: Paidós

⁴ Entrevista a Jacques Lacan en la revista panorama (1974).

suicídio. E por outro lado, Joan, que avisa que vai suicidar-se, porque é a única saída que encontra perante a certeza de que foi implantado com um chip - depois de ter sido submetido a uma cirurgia reconstrutiva no rosto devido a um acidente - para obter informações privilegiadas que só ele tem sobre assuntos que põem a sua vida em risco.

Agora, entendo como ética da psicanálise o suporte sob o qual o analista poderá orientar a sua escuta a fim de intervir sobre aquilo que aflige o sujeito, sabendo que o seu desejo é um desejo percebido, mas que é também o que singulariza o ato de cada analista⁵. Lacan é aquele que, no seu retorno a Freud, com toda a problemática que vislumbrou a partir das interpretações que os chamados pós-Freudianos fizeram dos textos de Freud, nos aproxima do que no Seminário 7 - separando-se da moral, do universal - de um bem estar na cultura - desenvolve como ética do inconsciente, ética do desejo, que na minha leitura até hoje, destaca um trabalho com um sujeito dividido, com um sujeito que no seu encontro com a linguagem tem sofrido uma perda de gozo que o mantém numa busca constante do objeto nunca mais a ser reencontrado. Orientar nossa escuta apelando apenas a posição que Lacan nos mostra sobre a ética em 1959-1960, parece-me, não só nos limitaria no nosso saber-fazer ali com os sujeitos onde o que falta é a falta, mas também nos limitaria no nosso saber-fazer ali com o gozo do sintoma, com o real do inconsciente que aparece tanto numa posição subjectiva neurótica como numa psicótica, embora estas não sejam homólogas, daí a importância do caso a caso e da singularidade a que apelamos desde a invenção da psicanálise.

E é em relação ao caso a caso, à singularidade do sujeito, que considero importante a epígrafe com que inicio este trabalho. Lacan aborda que podemos dar conta do alcance do nosso dizer ao sermos eventualmente inspirados por algo da ordem da poesia, para além de uma lógica articulada que poderia responder ao que já é dito, mesmo que não sem ele.

⁵ Harari, R. (SF) Ética. Extraído de la biblioteca virtual de Mayéutica- Institución Psicoanalítica.

“Prescindir do Nome do Pai na condição de fazer uso dele”, Lacan propõe-nos no que poderíamos chamar uma *herética*. Isto coloca-nos no caminho da in(ter)venção do analista do lado de uma po-ética que produz um encontro com os pontos do real, tornando viável para o sujeito, através do esvaziamento de sentido, inventar novas formas de lidar com a impossibilidade da relação sexual. Harari, em relação à apresentação de Lacan no grande anfiteatro de Sorbona, intitulada "Joyce o sintoma", comenta que "a nossa ética não é apenas a do desejo, mas sobretudo a do bem dizer, do saber do não-sentido, porque o saber do inconsciente não é conhecido, mas inventado. E o analisante o inventa, não menos que o analista, através da proposta, a cunhagem inscritiva de novos significantes; daí que seja uma *faunétique*, um valor de palavra através do qual Lacan - em homofonia com a *phonétique*, com a fonética - ensina que a ética é faunística. Porque o fauno, como sabemos, só existe como significante"⁶, na ficção.

“Ética perética perin pin plética”, escolhi um fragmento de um trava-língua como título deste trabalho por duas razões, a primeira delas querendo pôr em jogo a ideia de que, embora o trava-línguas procure dizer bem em repetição, é no próprio trava-línguas que pode aparecer um bem dizer, uma vez que a sua estrutura tende ao equívoco. E a segunda questão é sobre as diferentes éticas mencionadas no corpo do trabalho que estou a apresentar, ética - per(e)ética - perin pin plética, levando-me a concluir com a epígrafe de Ricoeur, os homens não nascem para morrer, mas para inventar, possível na medida em que só se é responsável pelo seu saber-fazer, pela sua manobra na direção da cura ou em um tratamento possível... de cada análise.

⁶ Harari, R. (1996) Democracia y ética del fauno. Revista Relaciones. Edición en internet No. 5. Montevideo Uruguay